



redação de
CAMPEÃO

Aula 10 -
Pós-pandemia: impactos das novas
formas de trabalho

Professora Candice Almeida

Professor João Filipe Magnani

contato@redacaodecampeao.com.br; www.redacaodecampeao.com.br

Prioridade, relevância:	<i>em primeiro lugar, antes de mais nada, antes de tudo, em princípio, primeiramente, acima de tudo, precipuamente, principalmente, primordialmente, sobretudo, a priori (itálico), a posteriori (itálico).</i>	Surpresa, imprevisto:	<i>inesperadamente, inopinadamente, de súbito, subitamente, de repente, imprevistamente, surpreendentemente</i>
Tempo (frequência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade):	<i>então, enfim, logo, logo depois, imediatamente, logo após, a princípio, no momento em que, pouco antes, pouco depois, anteriormente, posteriormente, em seguida, afinal, por fim, finalmente, agora atualmente, hoje, freqüentemente, constantemente às vezes, eventualmente, por vezes, ocasionalmente, sempre, raramente, não raro, ao mesmo tempo, simultaneamente, nesse interim, nesse meio tempo, nesse hiato, enquanto, quando, antes que, depois que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, já, mal, nem bem.</i>	Ilustração, esclarecimento:	<i>por exemplo, só para ilustrar, só para exemplificar, isto é, quer dizer, em outras palavras, ou por outra, a saber, ou seja, aliás.</i>
Semelhança, comparação, conformidade:	<i>igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, de maneira idêntica, de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista, tal qual, tanto quanto, como, assim como, como se, bem como</i>	Propósito, intenção, finalidade:	<i>com o fim de, a fim de, com o propósito de, com a finalidade de, com o intuito de, para que, a fim de que, para, como</i>
Condição, hipótese:	<i>se, caso, eventualmente</i>	Lugar, proximidade, distância:	<i>perto de, próximo a ou de, junto a ou de, dentro, fora, mais adiante, aqui, além, acolá, lá, ali, este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, aquela, aquilo, ante, a.</i>
Adição, continuação:	<i>além disso, demais, ademais, outrossim, ainda mais, ainda cima, por outro lado, também, e, nem, não só ... mas também, não só... como também, não apenas ... como também, não só ... bem como, com, ou (quando não for excludente).</i>	Resumo, recapitulação, conclusão:	<i>em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto, assim, dessa forma, dessa maneira, desse modo, logo, pois (entre vírgulas), destarte, assim sendo</i>
Dúvida:	<i>Talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá, quem sabe, é provável, não é certo, se é que.</i>	Causa e consequência. Explicação:	<i>por consequência, por conseguinte, como resultado, por isso, por causa de, em virtude de, assim, de fato, com efeito, tão (tanto, tamanho) ... que, porque, porquanto, pois, já que, uma vez que, visto que, como (= porque), portanto, logo, que (= porque), de tal sorte que, de tal forma que, haja vista.</i>
Certeza, ênfase:	<i>De certo, por certo, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, inegavelmente, com certeza, acredito, afirmo, penso que</i>	Contraste, oposição, restrição, ressalva:	<i>pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos, mas, contudo, todavia, entretanto, no entanto. <u>Ressalva:</u> embora, apesar de, ainda que, mesmo que, posto que, posto, conquanto, se bem que, por mais que, por menos que, só que, ao passo que</i>
		Ideias alternativas	<i>Ou, ou... ou, quer... quer, ora... ora</i>

TEMA - PÓS PANDEMIA: IMPACTOS DAS NOVAS FORMAS DE TRABALHO

Defensores da causa argumentam que o acesso à internet é um direito universal e deve ser gratuito

(OlharDigital, 18/03/2020)

Com a crescente necessidade de distanciamento social e isolamento causada pela pandemia do novo coronavírus, pedidos para que o acesso à internet seja gratuito voltaram a aparecer. Os defensores dessa pauta afirmam que isso deveria ser considerado um direito humano e um direito universal.

A organização argumenta que pessoas mais velhas já tinham maior probabilidade de experimentar desigualdade antes do surto. Segundo estudos do governo britânico, mais de um terço dos idosos com mais de 65 anos e mais da metade daqueles acima de 75 anos nunca haviam usado a internet, ou não usaram nos últimos três meses. Além disso, idosos também têm menos probabilidade de ter acesso à internet e possuir habilidades digitais básicas, principalmente se estiverem economicamente vulneráveis.

Cada vez mais essencial

O Conselho de Direitos Humanos da ONU aprovou, em 2016, uma resolução enfatizando que "os mesmos direitos que as pessoas têm offline também devem ser protegidos online".

Um estudo publicado em novembro de 2019 argumenta que o acesso à internet é um direito humano moral e, portanto, deve ser fornecido pública e gratuitamente a quem

não puder pagar. Agora, partidos políticos estão começando a concordar.

Na Alemanha, o financiamento do acesso à internet tornou-se parte dos benefícios mínimos de bem-estar de seus cidadãos. No Reino Unido, o Partido Trabalhista prometeu internet gratuita a todos os lares britânicos até 2030, mas os planos foram cancelados após um desempenho catastrófico nas eleições gerais do ano passado.

Porém, mesmo que essas ideias voltassem, ainda enfrentariam grande oposição. Vint Cerf, muitas vezes chamado de "pai da internet", argumentou que a tecnologia é um facilitador de direitos, não um direito em si. Políticos da oposição e provedores de banda larga, por sua vez, insistem que essa mudança seria muito cara e levaria a muitos desempregos no setor privado.

Entretanto, conforme cinemas, teatros, museus, universidades, clubes e bares fecham as portas, pessoas de todo o mundo passam a viver suas vidas online. O argumento de que o acesso à internet é uma necessidade e não uma escolha nunca foi tão atraente quanto durante uma quarentena. A internet gratuita, caso alcançada, pode ser uma boa notícia em meio a tantos problemas causados pela pandemia da Covid-19.

<https://olhardigital.com.br/coronavirus/noticia/coronavirus-internet-gratis-volta-a-ser-discutida-durante-pandemia/98236>

E se trabalhássemos para sempre em regime de home office?

Um estudo do Ministério do Trabalho dos EUA calculou que 28,8% das pessoas realizam atividades que podem ser feitas em casa. Lá atrás, imaginava-se que seria muito mais. Nos anos 1990, com a chegada da internet, os gurus da tecnologia profetizaram que o home office se tornaria o padrão de trabalho universal. Estavam errados, como geralmente estão mesmo. Pelos últimos dados, de 2019, dos 92,5 milhões de brasileiros que trabalham, 4,5 milhões (4,8%) o fazem de casa. Nos EUA, é praticamente igual: 5,2%.

Mas agora mudou tudo. Até o fechamento desta edição, não havia dados sobre o aumento do home office com as quarentenas do coronavírus. Só que, sabemos todos, ele aumentou brutalmente. Então vale o exercício de fantasia: e se todo mundo se apegar ao trabalho caseiro, e ninguém, desses quase 30% que podem fazer isso, jamais retorne aos escritórios? Daria certo? A resposta é: depende. A Ctrip, uma agência de viagens da China, fez um experimento em 2013: colocou uma parte de seus 16 mil funcionários trabalhando de casa. E concluiu que a produtividade deles aumentou em 13%. Satisfeita com o resultado, liberaram home office para todos.

Mas também pode ser o contrário. Paradoxalmente, os empregados em casa tendem a se comunicar menos até digitalmente: um estudo do cientista social Ben Waber, cofundador da consultoria de RH Humanyze, mostrou que, num grupo de engenheiros, aqueles trabalhando no escritório mandavam quatro vezes mais emails de trabalho que o pessoal do home office. Nesse caso, concluíram que a produtividade de quem estava na labuta tradicional era um terço maior.

Por essas, a então CEO da Yahoo, Marissa Mayer, proibiu o home office. De acordo com ela, atrapalhava o entrosamento da equipe. Ajudar, não ajuda mesmo. A comunicação humana tem nuances que são perdidas sem o contato próximo. Por conta disso, o home office leva a mais mal-entendidos e, daí, a erros.

A parte da solidão, em si, também é um problema. Não evoluímos para passar o dia sozinhos. E isso levaria a outra paradoxo. Com boa parte da força de trabalho operando do lar, os happy hours ficariam mais comuns. Mais do que uma válvula de escape sazonal, eles se tornariam essenciais para que os nossos cérebros, famintos por interação social, mantivessem a sanidade.

A pessoa precisa ter certeza, afinal, de que os colegas de trabalho são seres humanos reais. Seja como for, boa parte de quem faz home office provavelmente encontra formas de diminuir a solidão. Uma pesquisa feita pela empresa TinyPulse, nos EUA, constatou que trabalhadores remotos se consideram 9% mais satisfeitos do que os trabalhadores presenciais.

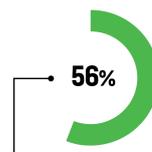
A falta de horário fixo, porém, tende a pesar. Só os mais disciplinados conseguem emular direitinho o horário de expediente, como se estivessem batendo ponto. Quando você labuta de casa, toda hora vira potencialmente hora de trabalho. Isso cobra seu preço: em uma pesquisa realizada em 15 países, 42% das pessoas que faziam home office relataram insônia, contra 29% de quem trabalhava em escritório.

Se o trabalho em si é um misto de benesses e piores, a cidade ganharia outra cara. O trânsito, obviamente, seria imensamente beneficiado, mas outras partes podiam sofrer. Prédios obsoletos não costumam ser boas notícias para a vizinhança. Eles se tornam ponto de invasões e insalubridade, fazendo cair o valor da região inteira, o que alimenta o ciclo de decadência urbana que leva a mais prédios vazios. O Centro Velho de São Paulo é um exemplo de região de escritórios que perdeu a relevância. Pujantes edifícios dos anos 1960 aparecem abandonados, subocupados, ou em péssimo estado de manutenção.

Isso pode ser combatido transformando escritórios obsoletos em residenciais. E está sendo feito justamente no centro de São Paulo. Em 2016, um prédio de escritórios que deu lugar a 126 unidades de apartamentos ganhou um prêmio arquitetônico. Mas o centro da maior cidade do País ainda tem 70 prédios abandonados e centenas de subutilizados. Se os prédios de escritórios virassem todos residenciais, certamente seria uma benesse para quem paga aluguel, já que os preços de todos os imóveis cairiam, com o aumento de oferta. Mas há um limite imposto pelos altos investimentos na conversão dos prédios e na própria demanda: haveria espaço para uma Faria Lima inteira de apartamentos de luxo?

Longe do escritório

Mesmo antes da atual pandemia, muitas empresas já adotavam home office para seus funcionários

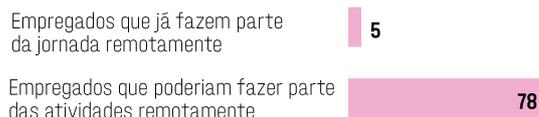


das empresas no mundo permitem trabalho remoto

1,8 BILHÃO

de trabalhadores poderiam trabalhar pelo menos uma vez por semana de casa, de acordo com uma estimativa da Organização Internacional do Trabalho

Trabalho remoto nos Estados Unidos (em milhões)



11.000 dólares é o valor anual economizado

pelos funcionários americanos por funcionário com metade do tempo em home office. A conta considera ganho de produtividade e redução de custos imobiliários, absenteísmo e rotatividade

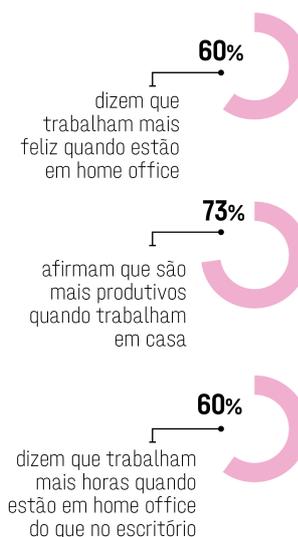
11 DIAS

de trabalho são salvos por ano em deslocamento para cada americano que adota home office parcial



das empresas brasileiras adotavam um esquema de teletrabalho ou de home office em 2018

Uma pesquisa⁽¹⁾ da consultoria Talenses mostra que quem faz home office no Brasil trabalha mais feliz — e mais horas⁽²⁾



(1) Pelo menos uma vez por semana. (2) Com 1.167 profissionais brasileiros de diferentes níveis hierárquicos.

Fontes: Global Workplace Analytics, Owl Labs, OIT e Talenses.



Outro fator de estresse: a própria economia que funciona em torno de trabalhar longe. Seria o fim do restaurante por quilo. No lugar deles, entrariam as *dark kitchens*, restaurantes sem balcão que operam exclusivamente por aplicativos.

O transporte coletivo também passaria por uma transformação. Com menos gente usando ônibus, faria sentido substituir parte deles por sistemas de transporte sob demanda. É como a versão “Juntos” do Uber, em que até três passageiros aleatórios compartilham corridas com trajetos semelhantes.

A diferença é que seria um serviço com vans. Já existem serviços assim em operação em Berlim, Milão e em 200 cidades do Japão. É melhor que os ônibus de hoje? Não. Tende a sair mais caro. Mas, numa realidade com menos passageiros, talvez essa se torne a única opção para certos trajetos hoje atendidos pelo ônibus.

Agora a melhor parte: com muito menos trânsito e áreas comerciais transformadas em residenciais, algumas avenidas perderiam a função, podendo ser convertidas em parques. (Revista EXAME, 27 mar 2020)

Várias cidades já fizeram isso. Madrid, Portland e Seul tinham seus equivalentes às margens dos rios Tietê e Pinheiros, em São Paulo, vias arteriais correndo ao lado de seus rios principais. Todas foram destruídas e transformadas em parques extensos.

Só isso já daria um belo upgrade no meio ambiente urbano. Mas tem outra. Nos horários de pico do trânsito, o ar fica quatro vezes mais carregado de poluentes, como monóxido de carbono, sulfatos e metais pesados, que no melhor período, logo antes do nascer do sol.

No mundo, o transporte responde por 15% das emissões de gases-estufa, e, em países com muitos automóveis per capita, como os EUA, chega a 29%. Disso, metade acaba na atmosfera só para realizar o traslado de pessoas até o trabalho. Uma tarefa que, apesar dos pesares, pode se tornar um pouco menos comum depois disso que estamos vivendo agora: o maior experimento de home office da história da humanidade.

Coronavírus e o futuro do trabalho

Samuel Emílio*

(Estadão, 20 de março de 2020)

A atual pandemia causada pelo novo coronavírus trouxe para o mundo, ou pelo menos para grandes centros urbanos, um pequeno vislumbre do futuro.

No Brasil, contudo, apenas a parcela mais privilegiada da população pode trabalhar remotamente. O que nos leva ao aumento da vulnerabilidade dos trabalhadores, evidenciado pela pandemia atual. Pedreiros, manicures, Rappis, Ubers e faxineiras não conseguem exercer suas atividades profissionais de casa. Pior: como são, em sua grande maioria, trabalhadores informais, não terão nenhuma proteção ou compensação caso deixem de ir para o trabalho para se proteger do Covid 19. São cerca de 25 milhões de brasileiros que ficam entre a cruz e a espada, tendo que optar entre se expor ao vírus ou reduzir sua renda mensal. A segunda opção costuma apresentar-se inviável em um país no qual um terço da população recebe até um salário mínimo.

A situação piora ao constatarmos que mesmo indivíduos com ocupações que podem ser exercidas remotamente, muitas vezes não conseguem trabalhar de casa. Isso por que o acesso à internet segue sendo extremamente desigual entre as regiões

brasileiras e até mesmo dentro de uma mesma cidade. Na capital paulista, por exemplo, a porcentagem de domicílios com banda larga superior a 4 MPBS é de quase 50% no Centro Expandido, mas de apenas 10% em partes da Zona Norte. Nas classes D e E, menos de metade dos indivíduos tem acesso à internet, de acordo com estudos do NIC.BR.

Assim, proponho que, de todos os males trazidos pelo coronavírus, tiremos, ao menos, uma grande lição. A de que nossas atuais estruturas são insuficientes para lidar com os novos modelos de trabalho que estão surgindo. É passada a hora de nossos governantes pensarem em soluções legais, que regulem as novas formas de trabalho emergentes, conciliando incentivo econômico e proteção ao trabalhador. Mas o trabalho não deve acabar no legislativo: é necessário, mais do que nunca, investir em infraestrutura e equipamentos públicos que garantam a inclusão digital, cada vez mais necessária para a inclusão produtiva. Saiam ganhando, de uma só vez, trabalhadores, economia e, indiretamente, até o meio ambiente.

Vida à distância

(Revista EXAME, 26 mar 2020)

Atualmente, 1,3 bilhão de estudantes em todo o mundo têm as aulas afetadas ou suspensas. Nos Estados Unidos, estima-se que 76,5 milhões de alunos terão algum tipo de educação à distância. “Literalmente, todas as faculdades e universidades dos Estados Unidos estão sendo obrigadas a refazer e inovar suas estratégias de aprendizado online”, diz Mitchell Stevens, professor de educação digital na Universidade Stanford. “Depois que essa calamidade passar, as escolas e universidades não vão simplesmente guardar numa prateleira os investimentos que fizeram durante a crise. A educação digital vai avançar rapidamente depois da covid-19.”

No Brasil, o fechamento de escolas e universidades também está fazendo com que instituições de ensino acelerem a implantação de metodologias digitais

A legislação, em algum sentido, teria de acompanhar: no Brasil, a plataforma online não pode substituir aulas presenciais, com exceção do período emergencial do coronavírus.

Assim como os estudantes, milhões de profissionais deixaram o escritório e agora trabalham de casa. A pandemia do novo coronavírus tem feito empresas de diferentes setores mudar seus negócios para se adequar à necessidade de isolamento das pessoas para evitar a disseminação. Com 45.000 empregados no mundo, o Facebook garantiu um bônus de 1.000 dólares para que seus funcionários equipem suas casas para trabalhar remotamente. Apple, Google, Amazon e Microsoft também estão apoiando financeiramente os trabalhadores que precisam de ajuda para montar uma estação de trabalho residencial.

“O MUNDO EM QUE VIVEMOS ENCOLHEU”

Para o economista Edward Glaeser, da Universidade Harvard, a magia da economia moderna vem da interação entre as pessoas | Fabiane Stefano, EXAME, 27/03/2020.

O americano Edward Glaeser é um dos maiores especialistas do mundo em economia urbana. Professor na Universidade Harvard, ele ficou conhecido pelo livro *O Triunfo das Cidades*, que mostra que as sociedades prosperam porque as pessoas vivem, trabalham e pensam em conjunto. Diante da adoção de medidas de isolamento social em razão da pandemia da covid-19, o economista acredita que, se essa crise se prolongar, haverá impactos na economia e na inovação. Glaeser também faz um alerta aos governos: é preciso concentrar-se em funções vitais, como proteger a população de pandemias. Leia trechos da entrevista à EXAME.

A pandemia de coronavírus vai mudar a forma como a sociedade se relaciona?

Nos últimos 500 anos da história humana, sempre seguimos em direção a uma sociedade mais conectada. Do nível mais básico, o indivíduo interagindo com sua vizinhança, às ligações comerciais via navegação marítima. E, de repente, deixamos de ter um mundo surpreendentemente conectado e estamos voltando a ser como camponeses medievais, em termos de quão pequeno nosso mundo se tornou. A grande diferença, claro, é a tecnologia, que nos permite manter nossas relações interpessoais. O mundo em que vivemos encolheu momentaneamente.

Nesse cenário extremo, o que acontece com a economia e a inovação?

A magia da economia moderna vem de interações face a face. Pessoas trabalhando juntas nas empresas, nos laboratórios, nas universidades. Elas discutem problemas e criam soluções, produtos, tecnologias. É assim que o processo criativo funciona. Agora, estamos tentando simular isso online, e creio que haja uma eficácia de 70%. Mas há muitas configurações do setor produtivo. Cerca de um quinto da força de trabalho americana está no varejo e nos setores de lazer e hospitalidade. Essas são três das maiores áreas em que americanos menos qualificados trabalham. São setores que, no curto prazo, serão dizimados por essa pandemia.

Isso pode aprofundar a desigualdade?

Com certeza. Para um profissional bem-educado, capaz de realizar o trabalho remotamente, essa experiência não será muito dolorosa. Ainda mais se o salário dele estiver garantido. Agora, se esse profissional trabalhar numa loja ou restaurante, não sabemos se terá emprego no final do mês. O processo de desindustrialização nos Estados Unidos — e no Brasil também — tirou trabalhadores das fábricas, que foram para o setor de serviços. Certamente, parte dessas pessoas vai continuar trabalhando e não vai se proteger dessa pandemia ou de qualquer outra no futuro.

Qual é o impacto da tecnologia nesse cenário?

A tecnologia nos permite avaliar quais são as interações desnecessárias e quais as que realmente importam. Comprar no supermercado online é uma mudança que certamente veio para ficar. Ela está mudando toda a cadeia de suprimento de alimentos. Nos Estados Unidos, empresas como a Whole Foods e a Amazon estão crescendo nesses segmentos. E veremos as frações mais ricas da sociedade brasileira mantendo esse novo hábito depois do fim da pandemia

MÃOS À OBRA

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema: “Pós-pandemia: impactos das novas formas de trabalho”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista. Seu texto deve ter entre 07 e 30 linhas escritas.

